



O mercado de trabalho do profissional arquivista da Universidade Estadual de Londrina -UEL- face à sua formação

Edilene Fatel Aureliano
Gisele Barreiros Oliveira
Linete Bartalo – linete@uel.br
UEL-Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: O curso de Arquivologia da UEL – Universidade Estadual de Londrina - foi implantado em 1998, tendo formado 190 arquivistas até o ano de 2007, em sete turmas. As turmas formadas em 2005 e 2006, com 27 e 36 egressos respectivamente, foram objeto de estudo de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de duas formandas do ano de 2007. Com o objetivo de analisar a formação e a inserção no mercado de trabalho desses egressos, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com questões predominantemente fechadas, sendo algumas de múltipla escolha e também algumas com solicitação de justificativa das respostas. Foram investigadas a formação, a educação continuada, a inserção no mercado de trabalho, a adequação do currículo cumprido face ao mercado de trabalho, a avaliação pessoal do currículo e a satisfação com a formação. Participaram efetivamente da pesquisa 14 egressos de 2005 e 13 de 2006 e os resultados revelaram que aproximadamente metade desses egressos deu continuidade à sua formação e que todos estão trabalhando, porém, uma minoria exercendo a profissão de arquivista. No entanto, a maioria teve dificuldade de inserção no mercado de trabalho. A maioria dos participantes da pesquisa acredita que o currículo cumprido influenciou positivamente a sua inserção no mercado de trabalho, porém apontam como fator dificultador nesta inserção, o desconhecimento da profissão pela sociedade, de um modo geral. Mais de 70% dos participantes relataram estar satisfeitos com sua formação.

Palavras-chaves: Formação do arquivista; Mercado de trabalho do arquivista

INTRODUÇÃO

A nova ordem social que coloca a informação e os meios de comunicação como fatores estratégicos para a geração de novos conhecimentos e competitividade entre as organizações, bem como as novas formas de acesso à informação impulsionaram a criação de novas metodologias de trabalho, além de novas formas de enfrentamento da vida em todos os aspectos, tais como as relações sociais, as relações familiares, a busca da aprendizagem continuada, entre outros.

Nesse contexto, Castro (2000, p.145) assinala que “a sociedade industrial cedeu lugar à sociedade da informação” e questiona qual a denominação a ser dada à sociedade do futuro: “sociedade do digital, sociedade do lazer?”

Um ponto fundamental a ser pensado nesta nova configuração social é a educação e a esse respeito, para o Brasil, Takahashi (2000, p.45) lança as seguintes diretrizes:



Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomarem decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para 'aprender a aprender', de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

Em decorrência da evolução da sociedade e principalmente pelas novas tendências do mercado de trabalho que ela acarreta, o processo educacional encontra-se em constante evolução. Hoje a educação centra-se mais no *aprender a aprender* do que no aprender conteúdos, pois como enfatizam Silva e Cunha (2002, p.78)

Aprender a conhecer é um pilar que tem como pano de fundo o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Aprender para conhecer supõe aprender para aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Uma das tarefas mais importantes no processo educacional, hoje, é ensinar como chegar à informação. Parte da consciência de que é impossível estudar tudo, de que o conhecimento não cessa de progredir e se acumular. Então o mais importante é saber conhecer os meios para se chegar até ele.

A sociedade do conhecimento tem como principio a democratização do conhecimento pelo fato de que as informações podem ser democraticamente acessadas ou adquiridas por todos. Dessa forma, presume-se, todos estão em condição de aprender, pois a informação, matéria-prima da aprendizagem e por consequência do conhecimento, encontra-se disponível democraticamente. A aprendizagem, nessa perspectiva, deixou de ser responsabilidade exclusiva da escola enquanto espaço privilegiado do saber. Na verdade, o conhecimento, fator de transformação, só pode ser produzido pela ação mental que transforma a informação em conhecimento. A informação rompeu os limites da sala de aula, da biblioteca, da Internet e encontra-se a impregnar a sociedade, mas somente a sua assimilação, interiorização e processamento pelo indivíduo é que a transforma em conhecimento, uma vez que o conhecimento é uma ação eminentemente humana (TÁLAMO, 2004).

Com a globalização da sociedade, da qual resultou essa nova ordem social operaram-se mudanças significativas no mundo do trabalho. A atividade produtiva sempre dependeu de novos conhecimentos, mas nesse novo contexto passou a depender também de criatividade, liderança, ética, clareza e principalmente habilidade e competência para resolver problemas.



Enfim, o profissional deverá ser uma pessoa crítica e preparada para agir e se adaptar rapidamente às mudanças e desafios dessa nova sociedade. Com a acelerada produção do conhecimento e o mercado de trabalho tornando-se cada vez mais exigente, o preparo do profissional não pode mais se restringir à formação acadêmica adquirida no ensino de graduação, ele deve constantemente buscar a complementação de sua formação. Nesse sentido, Costa (2008) desenvolveu uma pesquisa para sua dissertação de mestrado cujo objetivo foi o de estudar a relação entre a formação acadêmica dos arquivistas e o mundo do trabalho em Brasília. Entre suas conclusões encontra-se a de que “Ao profissional são demandadas atitudes, habilidades e conhecimentos que extrapolam aos adquiridos na sua formação” (COSTA, 2008, p. 10). Diante disso torna-se fundamental, então, que ele tenha “aprendido a aprender”, pois deve ser autônomo na busca da formação necessária à sua atuação, saber o que deve aprender e onde e como buscar as informações a fim de construir os novos conhecimentos demandados.

A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA

Em consequência das transformações culturais, políticas e econômicas da sociedade contemporânea, a educação e o entendimento do que vem a ser *formação educacional* também se transformou. A Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, promulgada em dezembro de 1996, regulamenta a estrutura e o funcionamento dos sistemas de ensino, define os objetivos da educação nacional, os graus de escolaridade e orienta os processos formativos. Assim, a estruturação curricular dos cursos de graduação sofreu profundas modificações, principalmente no estabelecimento das diretrizes curriculares nacionais em substituição aos denominados *currículos mínimos*.

Os currículos dos cursos de graduação das instituições de ensino superior, até a promulgação desta Lei, deviam estar em conformidade com o *currículo mínimo* estabelecido pelo Ministério da Educação e Cultura/Conselho Federal de Educação que, para os cursos de Arquivologia brasileiros, era determinado pela Resolução n^o 28/74 (BRASIL, 1974, p. 400) com as seguintes matérias:

Introdução ao Estudo do Direito, Introdução ao estudo da História, Noções de Contabilidade, Noções de Estatística, Arquivos I a IV, Documentação, Introdução à Administração, História Administrativa, Econômica e Social do Brasil, Paleografia e Diplomática, Introdução à Comunicação, Notariado e Língua Estrangeira.



A nova LDB delegou às Instituições de Ensino Superior a elaboração dos currículos de seus cursos, por meio de projetos pedagógicos. O artigo 2^o da Resolução CNE/CES 20, de 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002, p. 34) que estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de Arquivologia determina que

O projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecida pelo curso de Arquivologia deverá explicitar:

- a) o perfil dos formandos;
- b) as competências e habilidades de caráter geral e comum e aquelas de caráter específico;
- c) os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica;
- d) o formato dos estágios;
- e) as características das atividades complementares;
- f) a estrutura do curso;
- g) as formas de avaliação.

Em consonância com seus respectivos Projetos Pedagógicos, a formação do arquivista compreende uma multiplicidade de disciplinas que varia em cada instituição de ensino superior. Marques (2007) em sua pesquisa que teve como objeto de estudo o processo de formação e configuração da arquivística como disciplina científica no Brasil, tem entre suas conclusões que “a configuração atual [da arquivologia] parece ser decorrente dos diálogos estabelecidos com outras disciplinas, quanto aos vínculos institucionais dos seus cursos de graduação, quanto à formação/titulação dos docentes desses cursos e quanto à produção científica, com temáticas relacionadas à área” (MARQUES, 2007, p. 8).

Esta democratização da educação, trazida pela evolução social, formou uma nova cultura, a cultura da aprendizagem, na qual aprender constitui-se numa exigência social crescente e enseja reflexões como a de Silva (2006, p. 29) ao convidar os arquivistas a construir sua profissão e sua área de atuação quando destaca que

A Arquivologia não é uma realidade dada. A Arquivologia é uma construção social, produto de pensamentos. É uma construção profissional, técnica, científica, prática e teórica, da qual todos somos atores. E essa construção se dá pela construção do conhecimento próprio da área. O próprio conceito do que seja a Arquivologia é uma construção. É uma construção política e intencional. Não é algo natural. Não é fruto de uma árvore, esperando ser colhido. É fruto de escolhas e decisões. E isso é construído a partir de uma realidade exterior aos arquivos, pois ocorre no interior do cérebro das pessoas. A Arquivologia será aquilo que os arquivistas decidirem. Isso significa que apenas acompanhar as práticas dos arquivos não é suficiente. Para ensinar e aprender é preciso haver o que ensinar e o que aprender. Alguém terá de construir isso.



Jardim (1999, p. 32) assegura que os arquivistas devem assumir uma atitude pró-ativa no que diz respeito ao delineamento de sua profissão neste novo cenário social, principalmente quanto à reflexão sobre o seu papel na sociedade, pois

Como agentes e sujeitos destas transformações, os arquivistas vêm-se obrigados a debruçarem-se sobre a Arquivologia em três dimensões que se integram, ou seja: *o conhecimento arquivístico, as organizações arquivísticas e o próprio arquivista*. Na interseção destas três dimensões, encontra-se o *ensino arquivístico*, tendo como principais atores o *arquivista em formação inicial* e o *arquivista como docente e pesquisador*. Ambos se inserem num cenário em cujo macrocosmo social localiza-se a *Universidade, as organizações arquivísticas* e as demandas que legitimam uma *profissão* à medida que esta assume tarefas socialmente importantes.

Buscando esse norte, os cursos de Arquivologia têm procurado contemplar a formação integral exigida pela sociedade contemporânea. A evolução digital, o aumento da demanda por informação e os documentos gerados em massa, além da evolução da sociedade devida ao aumento exponencial do conhecimento obrigaram as instituições de ensino a atualizarem constantemente seus currículos de acordo com as diretrizes estabelecidas em seus Projetos Pedagógicos.

A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA NA UEL E O MERCADO DE TRABALHO

A implantação do curso de Arquivologia na UEL em 1998, conforme delineado à época (CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEL, 1998), teve como contornos contextuais principais, entre outros, o fato de que a oferta do curso de arquivologia no Brasil estava restrita a apenas quatro instituições de ensino superior (UNIRIO, UFSM, UFF e UnB) e que o desenvolvimento acelerado da região norte paranaense, bem como sua vinculação política e econômica ao MERCOSUL, justificavam a sua criação. As necessidades de mercado também foram consideradas nesta justificativa, tendo sido diagnosticada, por intermédio de uma pesquisa realizada em 1997 junto às instituições paranaenses, a existência de uma demanda emergente, tanto nas instituições públicas quanto privadas, por um profissional cujo perfil a proposta pedagógica do curso de arquivologia poderia satisfazer. O currículo desta proposta fundamentou-se nas antigas determinações da Resolução 28/74 (BRASIL, 1974, p. 400) e configurou-se de acordo com o *currículo mínimo* estabelecido pela mesma.



Em 2004, após avaliação do currículo vigente, já com três turmas formadas, propôs-se um novo currículo para o curso, estribado na Resolução CNE/CES 20 de 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002, P. 34), cuja implantação foi realizada em 2005. A UEL mantém em sua página na WEB a Resolução CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) 23/2005 do Projeto Pedagógico do novo curso, no qual encontram-se estabelecidas as diretrizes do mesmo que prevê em seu Artigo 2^o. que

A necessidade do acesso cada vez mais rápido à informação, tanto pelo produtor do documento, como pelo usuário externo, o vertiginoso crescimento da produção documental e a mudança do perfil do pesquisador que freqüentemente solicita informações contidas em conjuntos documentais homogêneos são características que atestam a complexidade do trabalho arquivístico, exigindo o contínuo aperfeiçoamento e a atualização dos profissionais da área.

A mesma Resolução em seu Artigo 4^o ressalta que

A formação do arquivista não se restringe a uma profissionalização estrita e especializada, mas deve estar preparando o egresso para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, como também refletir criticamente sobre a realidade que o envolve. (p. 2)

Dentre os objetivos que o curso de Arquivologia da UEL tenta alcançar encontra-se o de

Desenvolver capacidades para aprender a aprender, a ser, a fazer, a viver junto e a conhecer, levando em consideração a autonomia na formação para capacitar os estudantes a atuarem em um mundo que está em permanente mudança; Desenvolver capacidades para pensar, inovar e executar para o futuro, atendendo com competência e criatividade às diferentes demandas de informação arquivística oriundas da sociedade; (p. 8)

Também a Universidade Federal de Santa Maria oficializou o perfil desejado dos arquivistas a serem por ela formados (publicado em seu site) e destaca que este perfil “baseia-se no conjunto das competências e habilidades necessárias para a formação de um profissional flexível e crítico, capaz de acompanhar os desafios tecnológicos e as mudanças da sociedade” e justifica que

O Curso de Arquivologia através desta proposta busca construir um perfil profissional de natureza interdisciplinar que possa dar conta de uma realidade heterogênea, onde as mudanças são rápidas, constantes e profundas, cuja



tecnologia aperfeiçoa-se constantemente e os usuários estão cada vez mais exigentes. (p. 1)

Santos (1996) ao discorrer sobre o perfil esperado para o profissional da informação alerta para a necessidade de que sua formação deve abranger

habilidades gerenciais, capacidade de comunicação efetiva, habilidades no tratamento de pessoas e habilidades pedagógicas. [...] estudos de usuários e comunidades, [...] conhecimento de línguas estrangeiras, estatística, metodologias de pesquisa e informática. (SANTOS, 1996, p. 12)

É evidente que a formação acadêmica, por mais próxima que esteja das necessidades do mundo do trabalho, atualmente não consegue dar conta de satisfazê-las integralmente, pois as demandas de aprendizagem aumentaram e estão mais exigentes. Há muito mais o que aprender, de modo mais profundo e em menos tempo do que há dez anos atrás. Nesse sentido, Bellotto (p.3) pontua que especialistas preocupados com a formação do arquivista

São unânimes em reconhecer as deficiências da formação, a falta de relação entre o mercado de trabalho e o mundo universitário, assim como apontar as fraquezas internas da profissão advindas não só da debilidade de formação, mas também da carência de maior consolidação das teorias, das normas, da evolução vertiginosa das tecnologias não acompanhada pelo mesmo ritmo no ensino e aprendizagem.

Assim, cabe ao profissional arquivista, frente às exigências atuais da sociedade da informação buscar seu aperfeiçoamento continuamente, mediante estudos complementares e de atualização educacional, acompanhar o debate e os avanços do conhecimento da área, bem como dos novos parâmetros tecnológicos.

O arquivista tem sua profissão regulamentada pela lei nº 6.546/78 e atua em instituições públicas ou privadas, em arquivos correntes, intermediários e permanentes: médicos, jurídicos, administrativos, contábeis e pessoais, entre outros, podendo também ser um profissional autônomo. A esse respeito, Guimarães (2000, p. 55) chama a atenção para o fato de que

A idéia de emprego (colocação fixa, sólida e estável) passa a dar lugar à de *empregabilidade* (em que se une a concepção de atividade profissional, mutante e diversificada, à de competitividade profissional, centrada no elemento humano e em seu grau de adaptabilidade a uma realidade heterogênea, complexa e em constante transformação). Se antes a ênfase estava nos rígidos e canônicos padrões técnicos de uma sólida formação, hoje a ênfase



se traslada para a qualidade dos serviços e produtos profissionais, e o até então movimento associativo fiscalizador pautado pela intervenção estatal herdada do corporativismo getulista cede lugar a uma congregação profissional mais voltada para a qualidade e a atualização.

No entanto, mesmo com as múltiplas possibilidades geradas pela nova ordem social, a inserção do profissional arquivista no mercado de trabalho conta com alguns fatores dificultadores. Um deles é o desconhecimento da profissão por parte da sociedade, principalmente nas empresas de âmbito privado e conseqüentemente o desconhecimento de seu campo de atuação.

Sendo assim, muitos arquivistas, ainda durante o curso, enquanto alunos, procuram no estágio não obrigatório a oportunidade de começar a atuar na profissão e, em muitos casos, são contratados durante ou ao final do estágio. Essa situação ocorre principalmente em empresas privadas, como demonstra a pesquisa feita na Universidade Federal Fluminense –UFF- (GARCEZ e SANTOS, 2007, p.8) com graduados de 2000 a 2005. No âmbito das instituições públicas não há essa possibilidade uma vez que a inserção acontece por meio de concurso público. Apesar de existir nestas instituições campo de atuação para o arquivista, muitas vezes o cargo de arquivista não existe em seus quadros de carreiras, impossibilitando assim a abertura de concurso.

A PESQUISA

O curso de Arquivologia da UEL formou 190 arquivistas desde sua implantação até o ano de 2007, em sete turmas. As turmas formadas em 2005, com 27 formados e em 2006 com 36, constituíram-se o objeto de estudo desta pesquisa, realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de duas formandas da turma de 2007. Com o objetivo de analisar a formação e a inserção no mercado de trabalho desses egressos, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com questões predominantemente fechadas, sendo algumas de múltipla escolha e também algumas com solicitação de justificativa das respostas. Foram investigadas a formação, a educação continuada, a inserção no mercado de trabalho, a adequação do currículo cumprido face ao mercado de trabalho, a avaliação pessoal do currículo e a satisfação com a formação.

Participaram efetivamente da pesquisa 27 egressos, sendo 14 da turma de 2005 e 13 da turma de 2006. Desse total 19 (70,4%) são do sexo feminino e 8 (29,6%) do masculino com idades entre 22 e 50 anos.

No que diz respeito à continuidade dos estudos para atualização de conhecimentos e capacitação para desempenho de atividades específicas, 51,9% dos participantes não deram continuidade aos seus estudos depois da formatura e 48,1% realizaram cursos depois de formados. Quando comparadas as duas turmas, observa-se que 53,8% dos participantes de 2006 continuaram a estudar, enquanto que da turma de 2005 somente 42,9%, conforme resultados apresentados na Tabela 1.

Os cursos realizados pelos participantes, em sua maioria, foram Especialização em Informação, Conhecimento e Sociedade e Especialização em Gestão Pública, além de cursos técnicos, cursos de espanhol, de informática e profissionalizantes.

Tabela 1 – Educação Continuada dos Participantes (N=27)

	Continuidade	Não Continuidade	Total
Geral	48,1%	51,9%	100%
2005	42,9%	57,1%	100%
2006	53,8%	46,2%	100%

A maioria dos participantes (51,9%) relatou ter enfrentado dificuldade para entrar no mercado de trabalho, porém todos estão trabalhando atualmente, sendo que 44,4% já estavam trabalhando antes de se formar, 7,4% teve a inserção no mercado de trabalho até seis meses depois de formados, 11,1% até um ano depois de formado e os demais (37%) demoraram mais tempo para encontrar emprego.

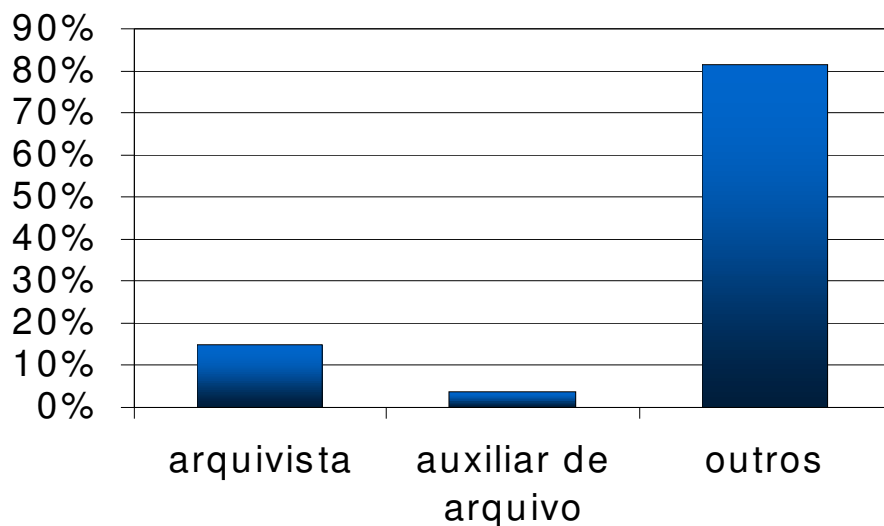
As áreas de atuação profissional dos participantes da pesquisa estão distribuídas entre instituições públicas (40,7%), privadas (44,4%) e trabalho autônomo (14,8%).

Apenas 14,8% dos participantes estão trabalhando como arquivistas, enquanto que 3,7% trabalham como auxiliares de arquivo e 81,5% exercem outras funções, de acordo com os resultados apresentados no gráfico 1.

Os participantes que exercem outras funções foram solicitados a discriminá-las. Constatou-se que 36,3% trabalham na área administrativa como técnicos, assistentes e

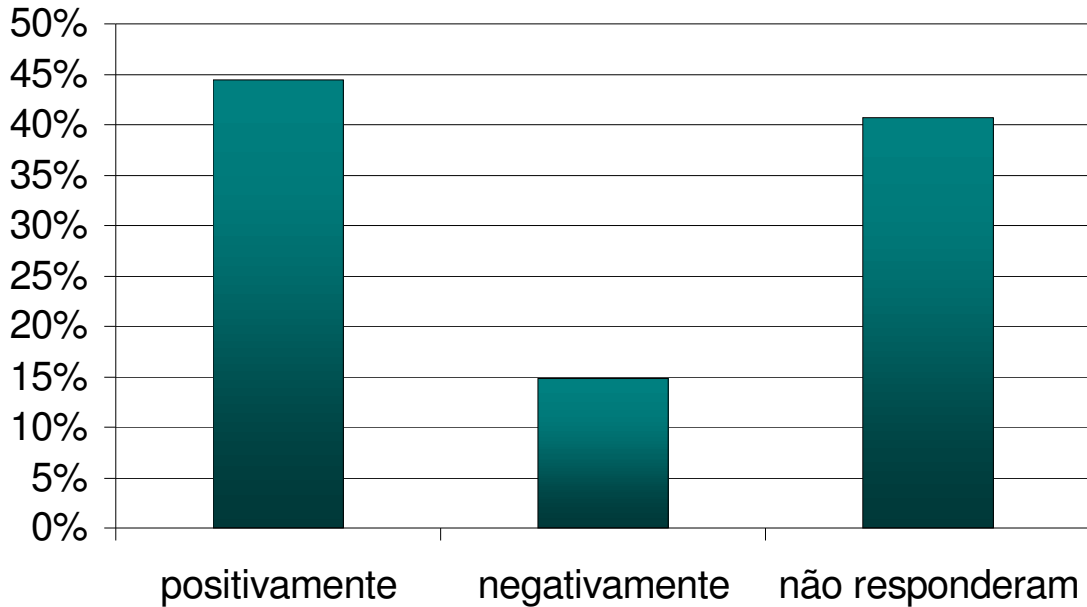
gerentes e 63,6% trabalham como pesquisador, técnico de análises, técnico operacional, técnico previdenciário, agente de gestão pública, professor, entre outras atividades.

Gráfico 1 – Áreas de atuação profissional dos participantes (N=27)



O gráfico 2 apresenta os resultados referentes à percepção dos participantes quanto à influência que o currículo cumprido teve para a sua inserção no mercado de trabalho. Verificou-se que 44,4% dos participantes consideraram positiva a influência, sugerindo que “*o currículo se seguido de forma correta e aprofundada garante um bom conhecimento para a aplicação do trabalho feito por profissionais de arquivo*”, alguns ainda consideram a influência positiva não exatamente na inserção, mas na atuação do profissional. Um profissional aprovado em um concurso público que não atua como arquivista diz utilizar “*alguns conhecimentos adquiridos*” no local onde trabalha. Consideram que o currículo cumprido influenciou negativamente para a inserção no mercado de trabalho 14,8% dos respondentes, sendo que 40,7% não responderam à questão que investigava esta dimensão.

Gráfico 2 – Percepção da influência do currículo na inserção no mercado de trabalho
(N=27)



Indagados sobre possíveis falhas nas áreas de conhecimento abrangidas pelo currículo cumprido, as respostas dos egressos, quando analisadas no geral, revelam que, para a maioria dos participantes (85,2%) faltou alguma área de conhecimento no currículo cumprido. Um participante comentou que *“a única coisa que tínhamos era a disciplina de gestão de arquivos onde a professora precisava se desdobrar para inserir a administração no conteúdo”*, e em Londrina há mais *“possibilidades de emprego em novas empresas do que com arquivos permanentes”*, pois para se *“trabalhar o arquivo é necessário entender o funcionamento da empresa / instituição”*.

Quando analisados comparativamente os resultados das duas turmas de formados, constata-se que a de 2005 sentiu de forma mais contundente a falta de alguma área de conhecimento no currículo cumprido, pois 92,9% dos participantes relataram esta falha, enquanto que da turma de 2006 apenas 76,9% a relataram. No entanto, apesar de ambas as porcentagens (92,9% e 76,9%) apresentarem-se altas, indicando fortemente a percepção de lacunas no currículo pelas duas turmas, estes resultados talvez possam estar apontando para uma possível melhoria da oferta do currículo de um ano para o outro; neste caso, a turma mais antiga sentiu com uma frequência maior estas lacunas. É sabido que o professor, de forma geral, melhora o programa de um ano para o outro com base nas avaliações, ainda que

empíricas e não sistemáticas, as quais realiza ao longo do período em que ministra a disciplina. Talvez possamos identificar esta diferença de avaliação entre as duas turmas como uma possível consequência deste fato.

Solicitados a discriminarem o que faltou no currículo, os participantes listaram disciplinas tais como Lógica, Psicologia, Metodologia para elaboração de trabalhos científicos, Recursos Humanos e mais disciplinas na área de Direito, além das que cursaram. Entre as áreas citadas, 59% dos participantes sentiram a ausência de uma disciplina em Administração. Acerca das disciplinas da área de Arquivologia, sentiram falta de Classificação de Arquivos, Ética, Terminologia, Restauração, Gerenciamento Eletrônico de Documentos, Tecnologia da Informação, Planejamento Estratégico, bem como aulas mais práticas.

Na tabela 2 estão apresentados os resultados obtidos no que diz respeito à satisfação com a formação. A maioria dos egressos (40,7%) está satisfeita com sua formação, 33,3% dos participantes estão muito satisfeitos e 25,9% pouco satisfeitos, nenhum participante encontra-se totalmente insatisfeito. Comparando os resultados das turmas de 2005 e 2006, evidencia-se uma maior satisfação dos formandos de 2005, dos quais 42,9% dizem estar muito satisfeitos, 42,9% satisfeitos e apenas 14,3% pouco satisfeitos, enquanto que entre os formandos de 2006, 23,1% sentem-se muito satisfeitos, 38,5% satisfeitos e 38,5% pouco satisfeitos.

Dentre as justificativas para os diversos graus de satisfação com a formação, encontraram-se as seguintes: *“Dentro de qualquer instituição é necessário qualificação profissional e o curso de Arquivologia é um curso novo que possibilita grandes oportunidades com a crescente necessidade do mercado em racionalizar espaço e disponibilizar informações”*. No entanto os profissionais consideram-se despreparados para assumir *“um arquivo inteiro, uma empresa”*, pois os *“estágios não deram suporte para tal”*.

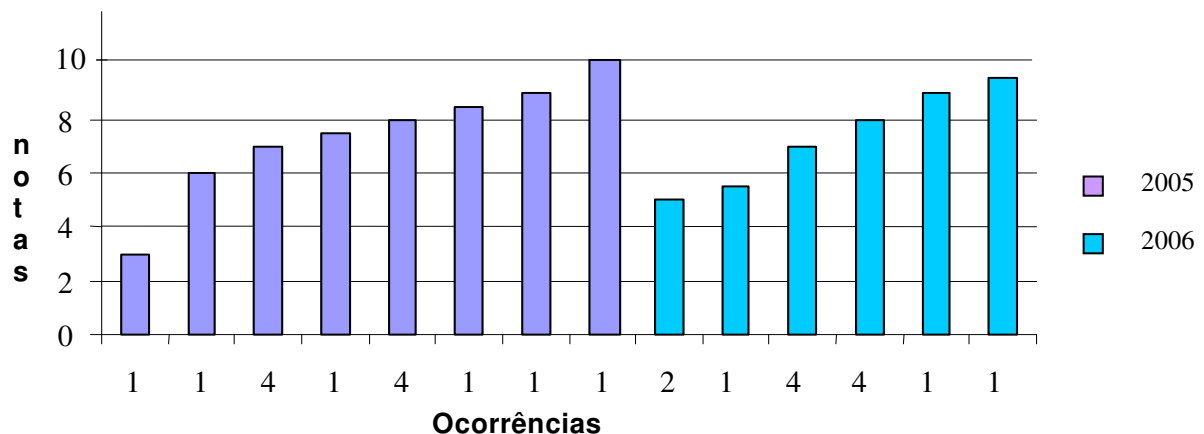
Tabela 2 – Grau de Satisfação com a Formação (N=27)

	Muito Satisfeito	Satisfeito	Pouco Satisfeito	Nada Satisfeito	TOTAL
Geral	33,3%	40,7%	25,9%	0%	100%
2005	42,9%	42,9%	14,3%	0%	100%
2006	23,1%	38,5%	38,5%	0%	100%

Solicitados a atribuírem uma nota de 0 a 10 ao currículo cumprido, a turma de 2005 atribuiu notas que variaram de 3 a 10 e a turma de 2006 de 5 a 9,5. Observa-se que a

concentração de freqüência em ambas as turmas foi em torno das notas 7 e 8, tendo 4 participantes da turma de 2005 e 4 participantes da turma 2006 atribuído nota 7 e outros 4 de ambas as turmas atribuído nota 8, ou seja, 57% dos participantes de 2005 e 61% de 2006 atribuíram notas 7 e 8, conforme se pode visualizar no gráfico 3.

Gráfico 3 – Avaliação da Formação Superior (N=27)



CONCLUSÃO

A sociedade não admite mais profissionais, seja de qualquer área de atuação, que terminem sua graduação, assumam uma posição no mercado de trabalho e não dêem continuidade à sua formação. Profissionais de todas as áreas devem ser atuantes e dinâmicos, tendo uma postura crítica e uma busca constante por atualização e adequação às mudanças, às novas tecnologias e, principalmente, que estejam atentos à evolução da sociedade. Hoje o emprego está relacionado com a qualificação pessoal, com a competência, com a capacidade de adaptação e com a aptidão. Os profissionais da área de informação sentem essa necessidade de uma forma mais acentuada em virtude, exatamente, de trabalharem com informação. Os resultados indicam que essa visão não é compartilhada por todos os egressos participantes desta pesquisa, pois mais da metade não deu continuidade aos estudos.

O processo de aprendizagem nunca está concluído e pode enriquecer-se com experiências teóricas e práticas, afinal, aprender é preparar-se para uma tarefa contínua de



busca de novos conhecimentos e aprender a aprender, na atual sociedade, é mais importante do que aprender conteúdos, pois a produção de novos conhecimentos tornou-se muita rápida e em consequência sua rotatividade também é rápida.

A atual rapidez das mudanças no mercado de trabalho exige um novo posicionamento, tanto dos profissionais como das empresas, sejam elas públicas ou privadas. O arquivista ao chegar a esse mercado de trabalho depara-se com o desconhecimento de sua profissão e sem a promoção da mesma inviabiliza-se a inserção, pelo menos em larga escala, no mercado de trabalho.

Seria interessante realizar um trabalho de sensibilização do empresariado para a importância do trabalho do profissional arquivista a fim de promover a criação de novos postos de trabalho, pois sabe-se que o trabalho do arquivista nas empresas acaba sendo realizado por pessoas sem a devida capacitação, o que gera problemas que poderiam ser evitados com a presença deste profissional.

Pode-se afirmar que o currículo cumprido pelos participantes da pesquisa foi bem avaliado por eles, pois a grande maioria atribuiu notas sete e oito ao mesmo. Nesse sentido há de se considerar o empenho do Departamento de Ciência da Informação, no qual o curso está alocado, no sentido de buscar a melhoria da qualidade pedagógica dentro das possibilidades que se apresentam, quais sejam, instituição pública que trabalha com poucos recursos e muitas dificuldades.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O arquivista na sociedade contemporânea**. Disponível em www.marilia.unesp.br/cedhum/pdf/texto01. Acesso em 02 de novembro de 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES 20/2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 34.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. Resolução n.º. 28. **Documenta 162**. Brasília, DF, 1974.

CASTRO, César Augusto. **Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas**. *Informação & Sociedade : Estudos*, João Pessoa, v. 10, n.1, p. 142 – 156, jan./jun. 2000.

COSTA, Larissa Cândida. **Entre a formação e trabalho : o arquivista diante das novas demandas sociais e organizacionais em matéria de informação**. Brasília : UnB, 2008. Dissertação (Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível



em http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3308
Acesso em 26 jul. 2008.

CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEL. **Processo para implantação**. Departamento de Ciência da Informação, Departamento de História. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.

GARCEZ, Igor José de Jesus; SANTOS, Mariana de Oliveira. **O reflexo da empregabilidade do profissional arquivista formado pela Universidade Federal Fluminense entre 2000 e 2005**. Disponível em http://www.aargs.com.br/cna/anais/O_reflexo_da_empregabilidade.PDF Acesso em 02 nov. 2007.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Pomim. **Profissionais da informação : formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo : Polis, 2000. cap. 2, p. 53 – 70.

JARDIM, José Maria. A universidade e o ensino de arquivologia no Brasil. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói, RJ: EDUFF, 1999. cap. 2, p. 31 – 52.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

MARQUES, Angélica Alves da. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil**. Brasília : UnB, 2007. Dissertação (Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação : o bibliotecário e seu papel face aos novos tempos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun., 1996. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=11#Artigos> Acesso em 27 out. 2007.

SILVA, Edna Lucia; CUNHA, Miriam V. da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.13, n.3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline>> . Acesso em 27 out. 2007.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. A formação em arquivologia : o conhecimento desafiando estudantes e professores. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.22-33, jan./jun. 2006.

TAKAHASHI, T. (Coordenador). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasil: Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasília, 2000.

TÁLAMO, M. F. G. M. A pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento. **Datagramazero – Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.2, abr. 2004. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2004.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. www.uel.br curso de arquivologia. **Resolução CEPE 23/2005**.



**ENARA - Executiva Nacional das
Associações Regionais de Arquivologia**
Arquivistas unidos pelo fortalecimento da profissão!!!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Projeto político-pedagógico do curso de arquivologia. perfil desejado do formando. Disponível em http://www.ufsm.br/pppnovo/PDF/CURSOS_DE_GRADUACAO/ARQUIVOLOGIA/04_PERFIL_DESEJADO_DO_FORMANDO/PERFIL_DESEJADO_DO_FORMANDO.pdf
Acesso em 27 out. 2007.